





# **QUANDO AS GIRAFAS BAIXAM O PESCOÇO**

**OBRAS DO AUTOR:**

*O Caderno do Algoz* (romance), 2009

*Um Piano para Cavalos Altos* (romance), 2012

*No Céu Não Há Limões* (romance), 2014

*A Cantora Deitada* (infantil), 2015

*A Grande Viagem do Pequeno Mi* (infantil), 2016

*Quando as Girafas Baixam o Pescoço* (romance), 2017

**SANDRO WILLIAM JUNQUEIRA**

**QUANDO  
AS GIRAFAS  
BAIXAM O  
PESCOÇO**

Romance

**CAMINHO**

Título: Quando as Girafas Baixam o Pescoço  
Autor: Sandro William Junqueira  
© Editorial Caminho, 2017  
Capa: Rui Garrido  
Revisão: Isabel Garcez

Pré-impressão: LeYa, SA  
Impressão e Acabamentos: Multitipo  
Tiragem: 2000 exemplares  
Data de impressão: setembro de 2017  
Depósito Legal n.º 430 777/17  
ISBN 979-972-21-2878-0

Editorial Caminho  
Uma editora do grupo Leya  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide — Portugal

[www.caminho.leya.com](http://www.caminho.leya.com)  
[www.leya.com](http://www.leya.com)

*Este livro é para a Catarina.  
E para o João Ricardo Pedro, que um dia me aconselhou  
a escrever mais 100 páginas.*



## Índice

Um buraco	15
Comprar jacintos	16
Pequeno bloco de notas	18
Iogurte magro com adoçante	20
Ler	22
Livros	23
Subida do sol	24
Gás ou luz?	25
Um Pai	26
Batom vermelho	27
O vento ilusionista	28
Um quarto iluminado	30
O sismo	32
Queres ir ao baile?	34
Brel	35
Dois quilos e meio	37
A retrosaria	39
Canta um bocadinho	40
Duas irmãs	42
Com Kapa	44
Botões	45
Uma cadeira fêmea	47
Verbo ou músculo?	49
Armagedão	51
Cantor de rua	54
Armazém bastante promissor	56

Um espetáculo	57
O toucinho ficou calado	60
Os cães	61
Vindimam cabeças	62
O fogo faz o seu trabalho	63
Chora por isso	66
A vaca é gorda	67
A girafa	69
Cigarros e laxantes	71
O envelope amarelo	72
Um galgo em postura de caça	74
Cinquenta poemas	76
O tédio é lugar confortável	77
Um bife	79
A coisa-em-si	80
Um fio de terra	82
É tudo uma questão de cheiro	83
Uma história	85
Para te tornares um anjo	87
A sopa	88
Olho branco	89
Arboricídio e dança	91
É sempre a música	93
A carreira de tiro	94
O limão tempera a carne	96
O nome: Oleg	98
As cartas	99
Molhar o pão no sol	100
Dugongos	101
Família: poder e guerras	104
<i>Okroshka</i>	107
Amigas de vidro	110
Um estetoscópio de carne	112
Dmitri Baramasov	114
Paris	115
A vingança	117
Hermínio, Matilde, Magda, José	119

Os que têm pressa	120
Uma dor	121
Elefantes	123
Ele vai regressar	125
Os ossos	126
Destroços	128
Minha mãe é um peixe	130
Bzzz-bzzz	132
A morte e o resto	133
<i>Goulash</i>	136
Não é uma fotografia perfeita	138
Paraíso	139
Outra fotografia	141
Atacadores vermelhos	142
A lua não consegue ouvir os gritos	144
Chimpanzé bebé	146
Os dias felizes	148
A ressurreição	150
Uma carta de Oleg para Cátia	153
Uma cama que canta	154
O amor é uma comprida persistência	156
O poeta	158
Um beijo avesso	160
Comboio de dificuldades	162
Não volto para casa	164
Perna mais forte	167
Um quarto de pera	170
Toc-toc-toc-toc	172
A faia	174
Matar gaivotas com o olhar	176
Um pai atravessado na garganta	180
Menos mundo	181
Os salmões	183
Oxidação celular	185
Para que não morram cedo	187
Uma encomenda	189
Já ninguém ouve as rosas	190



*A gente é rascunho de pássaro  
não acabaram de fazer*

Manoel de Barros



## Um buraco

Naquela urbanização há um buraco.

Uma falha no ordenamento do betão.

Cambaleante, o Velho sai do lote 19 e desce a rua. Detém-se. À sua direita, um buraco, uma caixa retangular ainda por erigir: o lote 17. Uma caixa que, depois de levantada, terá muitos casulos; é quanto basta: caixas pequenas, divisões pequenas, janelas pequenas. As pessoas, tão parecidas umas com as outras, poderão esconder-se com muita sinceridade.

O Velho retira do bolso do casaco um pequeno pacote de sementes. Abre. Lança. A mão trémula. Olha para cima como um vencedor. O céu bem vestido de nuvens. Agora é aguardar que a chuva antiga cumpra as sementes na terra daquele buraco.

Que a chuva antiga chegue antes do novo empreiteiro.

## Comprar jacintos

A Mulher Gorda traz um vaso nas mãos. Vazio. Aperta o vaso contra as mamas. Aperta-o com força. Não consegue avistar a ponta dos sapatos.

É uma mulher indiscreta. Abre a boca para respirar. Os joelhos articulam-se mal. Os pés raspam o chão. Sabe bem que aspeto tem. Uma pétala na idade murcha.

Passa pouco das 8h30. A corrida já teve início. Homens armados de betoneiras infligem à terra novos furos com barulhos de pressão urbanística.

A cidade é grande. É rápida. Deixa marcas. O passeio está estalado. O alcatrão tem buracos.

Cautelosa, a Mulher Gorda atravessa a rua que divide a urbanização.

Ainda assim, faz barulho. Tem medo. Não sabe cair. Uma queda representará o seu fim. A morte diz-lhe a verdade desde que aprendeu a soletrar o alfabeto.

Ao cruzar a rua ouve um desafivelar de vozes, um matraquear de solas, um tiquetaquear de correntes de bicicletas, a rouquidão matinal dos autocarros, o bufar dos elétricos. A pouca distância de si, rostos tentam a todo o custo encontrar um sentido para a existência que

não seja o de trabalhar apenas para evitar pensar nos seus próprios epitáfios.

Embora lhe custe cada vez mais caminhar, a Mulher Gorda, hoje, decidiu comprar jacintos.

A florista fica demasiado longe. Um percurso que exige esforço. Mas ela sempre gostou de jacintos. Já tentou outras plantas, mas... Gosta de jacintos e de ficar a olhar para eles. Assim consegue afastar pensamentos associados a coisas maiores.

Os jacintos equilibram-na. O pior é que, apesar dos seus atentos e demorados cuidados, os bolbos apodrecem com facilidade. Pulam da terra em busca de oxigénio. Cheiram mal. Ainda assim, a Mulher Gorda persiste. Nem sempre é claro por que insistimos em movimentos que sabemos que só trarão dissabores.

Fica parada debaixo do toldo amarelo de uma retro-saria. As nuvens não são impedimento suficiente para travar o martelo do calor. O sol apodera-se das coisas. Afogueada, a Mulher Gorda transpira. No vestido, sob as axilas, veem-se as rodela escuras. Nas dobras de carne do pescoço, as artérias latejam. Até conseguir recuperar o fôlego, olha para as janelas do prédio que fica em frente do lote 19.

## Pequeno bloco de notas

A Mulher Gorda vive no quinto andar. Leva uma vida disciplinada. Apesar disso, todos os dias acorda tomada por uma sensação de desamparo.

Enquanto prepara o pequeno-almoço, chora. Por motivos vários. Chorar faz parte da sua dieta.

O marido e a filha — a Rapariga Magra — ainda não acordaram.

A Mulher Gorda põe a toalha sobre a mesa. No fogão ferve a água para o café. Abre o frigorífico. Leite, manteiga, queijo, fiambre, iogurtes. Põe na mesa o cesto do pão. Puxa de uma cadeira e senta-se. A cadeira geme.

Olha para o relógio de parede. Terá de os acordar dentro de dois minutos. Ainda tem tempo. Retira do bolso o pequeno bloco de notas com linhas onde costuma apontar as faltas e outros assuntos.

Lê as notas do dia anterior:

- O espadarte ficou salgado.
- Ele bateu-me. Tive de carregar na maquilhagem.
- Só se ri das cicatrizes quem nunca sentiu uma ferida.
- As unhas pintadas de azul não combinam com os sapatos rasos.
- Esqueci-me de comprar o amaciador para a roupa delicada.
- O miar do gato das vizinhas perturbou-me o sono.

- Tenho de tomar uma decisão.
- Ela recusa-se a comer. Nem sequer um iogurte.

Talvez o mundo tenha sido concebido com o vibrar de um coração rápido. E só mais tarde as palavras o tornaram real, pensa a Mulher Gorda. E escreve.

Comprou este bloco de notas para arrumar as coisas nos lugares devidos. Para tentar descobrir como é que a grande prestidigitadora que é a vida consegue fazer os seus truques e iludir-nos sempre.

Embora saiba que, com as palavras, é fácil errar.  
Confundem-nos.

Teremos ouvido realmente o que ouvimos?  
E visto realmente o que vimos?

Pontualmente, todas as manhãs, sentada, com a mesa ainda posta, depois de o marido ter saído sem ter tocado na chávena com o café que entretanto arrefeceu, apetece-lhe largar um grito. Acordar a casa inteira, o prédio, assustar as gaivotas e os arrabaldes. Não sabe por que razão não o faz. Não interessa. Há gritos que têm de ficar guardados na garganta. E depois engolidos, de volta à procedência. Há que guardar o grito certo para o momento único. Não o desperdices. Organiza-te. Os gritos deitam cheiro. São moradas. Postais com remetente.

## Iogurte magro com adoçante

É comum acordar com suores frios e um arraial de cólicas. Uma tal rebelião de tripas que nem consegue pôr-se de pé.

A Rapariga Magra toma oito a doze laxantes por dia. E, em média, vai dez vezes à casa de banho. Livra-se da merda. E, quando já não tem merda, livra-se da água.

Sente vertigens.

Come uma refeição por dia. De madrugada. Quando sabe que a mãe está a dormir. Curgete cozida. E um iogurte magro com adoçante. Muitas vezes vomita logo a seguir. Leva as unhas ao sininho e toca à campainha as vezes necessárias. Lava a boca com água. Despe-se. Observa-se nua em frente ao espelho.

Depois senta-se na tampa da sanita e acende um cigarro. Se não é possível ser feliz por dentro, talvez seja possível sê-lo por fora.

Não quer é transformar-se naquilo. Isso nunca.

Sempre que tem uma instabilidade no apetite, saca o álbum das fotografias da terceira gaveta da cómoda. Compara a imagem da mãe quando rapariga com a imagem da mãe que transbordou dessa mesma rapariga. O efeito é imediato: passa-lhe a vontade de comer bolas-de-berlim.

A Rapariga Magra atira a beata para a cerâmica.  
Observa como a cinza borra a água. Descarrega o auto-  
clismo.

Eu não pedi para estar aqui.

Não pedi.

Não pedi.

Não pedi.

## Ler

Ema está de costas voltadas, de avental posto, junto do lava-loiça.

Ao jantar, apenas o som dos garfos e facas tinha interrompido o silêncio.

Ele, o Homem Que Gosta de Livros, sentado à mesa, vigia-lhe: a nuca, a barriga das pernas, o movimento dos braços. Esconde, debaixo da camisa abotoada até ao colarinho, um livro. Uma frase:

«Viver é viver como viveríamos se vivêssemos.»

Esta frase não lhe larga o peito. Ele gostaria de desabotoar a camisa, abrir o livro. Ler o coração em voz alta. Se ao menos Ema o compreendesse. Se ao menos Ema o ouvisse.

Ele queria ler-lhe, para assim poder tocá-la. Há outra forma de tocar em alguém?

## Livros

Os livros fazem fazer coisas. O amor também. Ele gosta de livros. Ema gosta dele. Oferece-lhe livros. Ele lê os livros que Ema lhe oferece sentado contra a cabeceira da cama, no lado esquerdo.

Ema levanta-se do lado direito da cama, desce para o chão e veste o robe de seda púrpura. Prepara-se para o afeto. Ele continua a ler: prefere a carne e o odor forte de certas frases. Adormece com o livro aberto a fazer o cume do coração. Página 63. Ema destapa-lhe o coração, lê uma frase aleatória.

Despe o robe de seda púrpura e veste o pijama com o cheiro da véspera.

Algodão impregnado de monotonia.

## Subida do sol

O quarto tem apenas uma janela sem cortinas. Através dela, deitado na cama, o Homem Desempregado assiste, todas as manhãs, quando as nuvens o permitem, à subida do sol para o nada, de novo. Depois, quando o sol abandona o campo de visão, sente-se tão só e desamparado que não lhe resta alternativa: levanta-se. Veste-se. Arrasta os chinelos apáticos pelo chão imundo. Sem recordar o último dia em que teve força.

Por estes dias, a sua vida divide-se nos movimentos executados para vencer a distância que separa duas peças de mobília: a cama e o sofá. E dois estados de ânimo: inércia e desânimo. A apatia fica melhor na cama desfeita? O sofá é mais adequado ao desalento?

Muitas vezes queremos agarrar a vida com a nossa própria mão. Mas a vida é um balão que encontra sempre uma maneira de se ver livre dos dedos.

## Gás ou luz?

No terceiro andar, o Homem Desempregado cospe nos livros de filosofia da sua biblioteca pessoal. Oferece as costas às lombadas. Dirige-se para a cozinha. O Homem Desempregado concentra-se no essencial. Tem fome. No lava-loiça: 3 batatas. Diz: Aristóteles filosofou porque tinha criados que lhe descascavam as batatas e o estômago atulhado.

Pega na faca. O tacho com água. As batatas entram no tacho. A cozinha minúscula tem um fogão equipado com dois bicos a gás e uma placa elétrica. E a questão vital: gasto luz ou gás para cozer as batatas?

Está desempregado. Cospe nos livros de filosofia.

Já não coloca questões como: será a vida apenas um constante fazer de cemitérios? Coloca outras: gás ou luz?

## Um Pai

Um Pai é pouco. A Mãe é tudo. Um Pai tenta ser mais, quando a Mãe se ausenta para trabalhar por turnos, 12 horas por dia, e feriados, e fins de semana e bem longe de casa.

Ao jantar terá de preparar iscas. A Mãe temperou-as no dia anterior com alho, sal, vinho branco. O Pai só terá de as refogar em cebola e azeite. Assim indica o bilhete colado na porta do frigorífico.

Abre alguns armários da cozinha. Não há azeite. Anda de um lado para o outro. Não há azeite. E não tem dinheiro.

O Pai interroga-se se haverá outra forma de as fazer.  
Grelhá-las?

O Pai olha para o Filho que aguarda sentado na mesa posta, armado com garfo e faca.

O Filho repara que a toalha está cheia de nódoas.

O Pai matuta na possibilidade de roubar moedas do mealheiro do Filho.

O Filho interrompe a indecisão:

Quando é que a mãe chega?

## Batom vermelho

O Pai bate à porta do vizinho da frente. Duas vezes. Espera. Encosta o ouvido. Silêncio. Bate outras duas. Um copo de azeite deve chegar. 100 ml é o que diz o bilhete.

Sobe um lance de escadas. Para a meio da subida. Desce. Volta a subir. Não sabe se faz bem ou mal. Avança. Bate naquela porta.

O Pai conhece aquela porta. Aquela porta é permeável a certos ruídos privados. E esses ruídos tendem a expandir-se e dilatar-se pelo vazio dos lances de escadas a certas horas, como um fantasma sem-abrigo, para trespassarem outras portas permeáveis e se infiltrarem em certos apartamentos. No lote 19, o silêncio é demasiado ruidoso. A intimidade parece sofrer de um problema de canalização.

O Pai bate naquela porta. Eleva os olhos. Eleva os dedos de uma mão. Arranja o cabelo. Como se a porta fosse um espelho.

Do outro lado, uma voz besuntada de batom vermelho:

Quem é?

É o vizinho de baixo, queria pedir-lhe...?

A porta abre-se.

## O vento ilusionista

Sentado à mesa ainda por levantar, curvado sob o peso dos remorsos, o Pai recorda o dia em que apresentou o Filho ao vento. Teria cinco anos. Era inverno naquele país de onde vieram. Como todos os dias, dirigiu-se à escola e esperou pelo toque de saída atrás do portão.

O vento sacudia tudo, todos. Varria pestanas, cavalgava sobre as árvores, arrastava palavras perdidas para longe, punha folhas nos para-brisas dos automóveis.

Ele trazia no bolso do sobretudo um saco de plástico. Tirou-o para fora. O vento apressado abriu com vigor o saco em paraquedas. O Pai deixou-o inchar durante alguns segundos e deu-lhe um nó.

A campainha da escola soou. Ouviram-se anúncios de gritos e risos infantis. O Filho chegou ao pé dele, a arfar. De mochila às costas e mãos na cintura, perguntou-lhe o que era aquilo. O Pai continuava a segurar firmemente o saco de plástico — como um balão irrequieto.

Mostro-te quando chegarmos a casa.

Apertado na mão, o Pai guardava um acontecimento.

Quando chegaram a casa, o Pai começou a desatar o nó do saco com uma lentidão irritante. Por fim:

Agora presta atenção.

O saco abriu-se e aconteceu: o vento livre chiou des-governado; percorreu o corredor e todas as divisões da casa, até se cansar: pestanas, folhas de outono, palavras perdidas pentearam móveis, paredes, tapetes, rodapés.

Logo após o prodígio, o Filho bateu palmas. Muitas vezes. De boca arreganhada. Ainda com dentes de leite para exibir.

O vento é um ilusionista, Filho. Nunca te esqueças disso.

## Um quarto iluminado

Às quintas-feiras. Começou por ser apenas às quintas-feiras. Depois seguiram-se as segundas-feiras. As terças-feiras. As quartas-feiras. Sempre depois de largar o turno na fábrica de sapatos. Agora não há dia em que Vera não aguarde pelo elétrico com todas as emoções a latejar no umbigo.

Algumas vezes fica de pé, agarrada à algea balouçante, presa pela tira de cabedal. Embora prefira um lugar no assento. Nada melhor do que caminhar sentada, pensa. Sentada a sua atenção fica mais disponível.

O elétrico avança devagar. Lá fora, a cidade ergue-se aos solavancos. Passa por montanha-russa. Entre subidas e descidas, alterna fachadas coloridas com gaiotas penduradas em gruas, geometrias de azulejos com varandas que são jardins aéreos, roupa estendida aos humores do vento, largos e praças com gatos presunçosos à janela de prédios altos, e cães, e corvos, e pessoas também.

É um quarto iluminado, o elétrico. Um quarto com motor que decidiu abandonar a obediência estática do betão e da arquitetura para dar um passeio pelas ruas. Um quarto pequeno com janelas alegres.

Alguém toca o sino cansado. O condutor gira a manivela. Ouve-se o *puff* da travagem. Escoam rostos, cabelos,

pernas, sapatos. Não dele. Nunca é ele. Vera pragueja forte e feio para dentro. Abana a cabeça. Abre a mala. Retira o marcador. Verifica pela terceira vez o pequeno quadradinho que esta manhã ganhara duas linhas cor de beterraba.

Vera já tinha certeza antes da certeza. Tal como a funcionária da retrosaria lá do bairro. Aquela que tem uma máquina de costura que, além de coser bainhas e remendos, lê o futuro; e que até já lhe tinha atirado à queimadura que iria ter um menino. Ainda assim, precisava de confirmação. Tinha-o feito esta manhã. Às escondidas. A certeza estava certa. E, talvez, também a profecia da agulha *Singer*.

Vera deita as mãos sobre a camisola de algodão de gola alta. Sobre o ventre. Tem um filho atravessado na barriga. E tem o pai do filho atravessado na garganta. Debaixo da camisola não se veem. Mas ela sabe que não pode ter duas coisas atravessadas no corpo ao mesmo tempo.